

CONSOLAÇÃO TÉCNICA

Michel Houellebecq

CONSOLATION TECHNIQUE, 2002

Não gosto de mim. Sinto pouca simpatia e ainda menos estima por mim mesmo; aliás, não me interesso muito por mim próprio. Há já muito tempo que conheço as minhas principais características, e acabei por me cansar delas. Quando adolescente, jovem ainda, falava de mim, pensava em mim, estava como que cheio de mim próprio; tal já não acontece. Abstrai-me dos meus pensamentos, e a simples perspectiva de ter que contar uma história pessoal mergulha-me num tédio próximo da catalepsia. Quando a isso sou absolutamente obrigado, minto.

No entanto, paradoxalmente, nunca me arrependi de me ter reproduzido. Pode mesmo dizer-se que amo o meu filho, e que o amo ainda mais, sempre que nele reconheço a marca dos meus próprios defeitos. Vejo como eles se manifestam, ao longo do tempo, com um determinismo implacável, e rejubilo. Alegro-me, sem pudor, ao ver repetirem-se e, por isso mesmo, eternizarem-se, características pessoais que nada têm de especialmente interessante; que são até, não raras vezes, desprezíveis; que, na realidade, não têm qualquer outro mérito senão o facto de serem as minhas; aliás, nem sequer são realmente minhas. Estou perfeitamente consciente de que algumas foram copiadas, tal e qual, da personalidade do meu pai, esse estúpido ignóbil. Mas, estranhamente, isso não afecta em nada a minha alegria. Esta alegria é mais do que egoísmo; é mais profunda, mais indiscutível. Tal como um volume é mais do que a sua projecção sobre uma superfície plana e um corpo vivo é mais do que a sua sombra.

Pelo contrário, o que me entristece no meu filho é vê-lo manifestar (Influência da mãe? Diferença de gerações? Pura individualidade?) os traços de uma personalidade autónoma, na qual não me revejo de forma alguma, que me é estranha. Longe de me sentir fascinado, apercebo-me de que não deixarei senão uma imagem incompleta e enfraquecida de mim próprio; por breves segundos, sinto mais claramente o cheiro a morte. E, posso confirmá-lo: a morte tresanda.

A Filosofia Ocidental favorece pouco a expressão de tais sentimentos; eles não deixam espaço ao progresso, à liberdade, ao individualismo, ao devir; eles

não visam senão a eterna e imbecil repetição do mesmo. De mais a mais, estes sentimentos nada têm de original; eles são partilhados por quase toda a Humanidade, e mesmo pela maior parte do reino animal; não são mais do que a memória sempre activa de um instinto biológico esmagador. A Filosofia Ocidental é um mecanismo de adestramento, longo, paciente e cruel, que tem por objectivo persuadir-nos de algumas ideias falsas. A primeira, a de que devemos respeitar os outros, pelo facto de serem diferentes de nós; a segunda, a de que ganhamos alguma coisa com a morte.

Actualmente, graças à tecnologia ocidental, este verniz de conveniências está rapidamente a estalar. Como é óbvio, far-me-ei clonar, desde que possível; como é óbvio, todos se farão clonar, desde que possível. Irei às Bahamas, à Nova Zelândia ou às ilhas Caimão; pagarei o preço que for preciso (nunca os imperativos morais nem financeiros tiveram um peso significativo, se comparados com os da reprodução). Terei provavelmente dois ou três clones, da mesma forma que se tem dois ou três filhos; entre os seus nascimentos, respeitarei um intervalo adequado (nem demasiado próximos, nem demasiado espaçados); homem já maduro, comportar-me-ei como um pai responsável. Assegurarei aos meus clones uma boa educação; depois, morrerei. Morrerei sem prazer, porque não desejo morrer; no entanto, até prova em contrário, a isso sou obrigado. Através dos meus clones, terei atingido uma certa forma de sobrevivência – de modo algum suficiente, mas superior àquela que me teriam trazido os filhos. Até à data, é o máximo que a tecnologia ocidental me pode oferecer.

No preciso momento em que escrevo estas linhas, é-me impossível prever se os meus clones nascerão fora do ventre de uma mulher. O que ao profano parecia tecnicamente simples (as trocas nutritivas pelo intermediário da placenta encerram à partida um mistério menor do que o que rodeia o acto da fecundação) revela-se o mais difícil de reproduzir. Se houver um progresso significativo da técnica, os meus futuros filhos, os meus clones, viverão o início da sua existência num frasco; isso entristece-me um pouco. Eu adoro a rata das mulheres, sinto-me feliz dentro do seu ventre, na suavidade elástica da sua vagina. Compreendo os motivos de segurança, os imperativos técnicos; compreendo as razões que levarão progressivamente a uma gestação *in vitro*; apenas tomo a liberdade, a este propósito, de manifestar uma leve nostalgia. Terão eles, os meus queridinhos nascidos tão longe dela, terão ainda o gosto da rata? Espero que sim, por eles, espero-o de todo o meu coração. Há imensas alegrias neste mundo, mas há poucos prazeres – e tão poucos os que nenhum mal fazem. Fim do parêntesis humanista.

Se eles se desenvolverem dentro de um frasco, os meus clones nascerão, evidentemente, sem umbigo. Desconheço quem terá utilizado pela primeira vez, com sentido depreciativo, este conceito de “literatura umbilicalista”; o que sei é que este chavão fácil sempre me desagradou. Qual seria o interesse de uma literatura que pretendesse falar da humanidade excluindo qualquer consideração pessoal? Hã? Os seres humanos são mais parecidos do que julgam, na sua pretensão cómica; é muito mais fácil do que imaginamos atingir o universal, falando de si. Aqui reside um segundo paradoxo: falar de si é uma actividade fastidiosa, e mesmo repugnante; escrever sobre si é, na literatura, a única coisa que tem valor, a tal ponto que avaliamos – habitualmente e com precisão – o valor dos livros pelo nível de envolvimento pessoal do seu autor. É grotesco, é mesmo de uma indiscrição demencial, mas é assim.

Ao escrever estas linhas, observo, efectivamente, e na prática, o meu umbigo. Normalmente, é raro pensar nele, e ainda bem que assim é. Esta prega de carne traz consigo a marca evidente do corte de um laço prematuro; é a lembrança do corte da tesoura que, na falta de qualquer outro processo, me projectou para o mundo; intimado a desenrascar-me sozinho. Tal como eu, você não escapará a esta lembrança; velho, muito velho mesmo, conservará sempre intacto, no centro do ventre, o vestígio desse corte. Através deste orifício mal fechado, os seus órgãos podem, a qualquer instante, evadir-se e apodrecer na atmosfera. Poderá, a qualquer momento, esvaziar-se das suas entranhas, em plena luz do dia; e agonizar como um peixe, abatido com um pontapé em plena espinha dorsal. Não será nem o primeiro, nem sequer o mais ilustre. Lembre-se das palavras do poeta:

O cadáver de Deus
Retorce-se aos olhos meus
Qual peixe trazido pela maré
Que desfazemos ao pontapé

Chegareis brevemente, crianças sem consequência. Sereis como deuses – e isso não será suficiente. Os vossos clones não terão umbigo, mas terão uma “literatura umbilicalista”. Também vós sereis “umbilicalistas”; sereis mortais. O vosso umbigo encher-se-á de porcaria, e tudo será dito. Lançaremos terra sobre a vossa cara.

Trad. de Elisabete Teixeira da Cunha